

## **BULLYING ESCOLAR: O Que Sabem as Crianças do Primeiro Ano do Ensino Fundamental**

Amanda Pereira de Albuquerque<sup>1</sup>  
Sílvia Maciel<sup>2</sup>  
Sidclay Souza<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Ações intencionais e repetidas, em forma de agressão, exclusão ou zombaria entre os pares, cometidas ao longo de um período de tempo, são chamadas de *bullying*. Um fenômeno relacional e complexo, que costuma estar dissolvido nas relações entre os escolares. Esta pesquisa teve por objetivo investigar se no cotidiano das crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental aparecem expressões do *bullying* escolar. O estudo foi realizado com dez crianças (6 a 7 anos) de escolas particulares do Estado de Pernambuco-Brasil. Por meio de videochamadas e de um roteiro semiestruturado, as crianças foram inicialmente convidadas a realizar desenhos e narrativas sobre seu cotidiano escolar. Na mesma videochamada elas ouviram uma história sobre *bullying* escolar contada pela pesquisadora, e, depois disso, criaram mais um desenho sobre uma situação de *bullying* que tenham vivenciado ou testemunhado. Para o tratamento de dados, a partir das transcrições das narrativas das crianças sobre os desenhos, foi feita uma análise temática dos conteúdos. Os resultados apontaram para a ocorrência de experiências de *bullying* no cotidiano escolar das crianças. Situações de *bullying* relacional e direto foram descritas pelos participantes. As crianças mostraram compreensão sobre as situações de *bullying*, e se reconheceram nessas situações. Os dados demonstram que as narrativas das crianças situam a ocorrência *bullying* no seu cotidiano escolar infantil e mostram que elas se sentem afetadas por esses eventos, o que sugere a importância de mais publicações sobre o tema e de ações interventivas, especialmente de caráter preventivo para a violência escolar, e o *bullying* infantil.

**Palavras-chave:** *Bullying* escolar; infância; narrativas; desenhos.

### **SCHOOL BULLYING: WHAT CHILDREN OF THE FIRST YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION KNOW**

#### **ABSTRACT**

Intentional and repeated actions, in the form of aggression, exclusion or mockery among peers, committed over a period of time, are called bullying. A relational and complex phenomenon, it is usually dissolved in the relationships between students. This research aimed to investigate whether in the daily lives of children in the first year of elementary school, expressions of school bullying appear. The study was carried out with 10 children (6 to 7 years old) from private schools in the state of Pernambuco-Brazil. Through video calls and a semi-structured script, the children were initially invited to make drawings and narratives about their school routine. In the same video call, they heard a story about school bullying, told by the researcher, and after that, they created another drawing about a bullying situation they have experienced or witnessed. For the treatment of data, from the transcription of the children's narratives about the drawings, a thematic analysis of the contents was made. The results pointed to the occurrence of bullying experiences in the children's school routine. Relational and direct bullying situations were described by the participants. Children showed understanding about bullying situations, and recognized themselves in these situations. The data demonstrate that the children's narratives place the occurrence of bullying in their daily school life and indicate that they feel affected by these events, which suggests the importance of more publications of the theme and interventional actions, especially from a preventive nature for school violence, and child bullying.

**Keywords:** School bullying; childhood; narratives; drawings.

**ACEITO EM: 21/12/2021**

<sup>1</sup> Autora correspondente: Universidade Federal de Pernambuco. Av. Prof. Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária, CEP 50670-901, Recife/PE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-6457-4930>. <http://lattes.cnpq.br/8360231345338205>. [amanda.palbuquerque@hotmail.com](mailto:amanda.palbuquerque@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3549-9601>. <http://lattes.cnpq.br/9034324723747654>. [silviamaciel.psicologia@gmail.com](mailto:silviamaciel.psicologia@gmail.com)

<sup>3</sup> Facultad de Ciencias de la Salud – Universidad Católica del Maule, Maule, Chile. <https://orcid.org/0000-0003-3727-3793>. <http://lattes.cnpq.br/3376486551624062>. [sbezerra@ucm.cl](mailto:sbezerra@ucm.cl)

## INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tipo de comportamento agressivo de uma ou mais pessoas que ocorre no ambiente escolar, apresentando-se como um fenômeno global. Pode ser identificado por comportamentos negativos, humilhantes, excludentes, agressivos, praticados por um ou mais sujeitos contra um sujeito ou grupo, de maneira repetitiva e sistemática no cotidiano escolar, por um tempo significativo, em mais de um evento. O *bullying* estabelece desequilíbrios de poder psicológicos e de forças entre os pares, e as vítimas não apresentam capacidades físicas ou psicológicas para se defenderem (OLWEUS, 2013; FANTE, 2015), o que acaba por dificultar o processo de aprendizagem, o desenvolvimento social e afetivo das pessoas envolvidas, independente da sua modalidade (SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014).

De acordo com a literatura (OLWEUS, 2013; RISTUM, 2010), existem três aspectos típicos para se definir uma situação de *bullying*: a repetição (a prática do *bullying* precisa acontecer de maneira persistente e repetitiva dentro de um período de tempo – ainda não existe consenso do número de eventos necessários para classificar uma prática como de *bullying*), a intencionalidade (quando a vítima se percebe como alvo, o agressor apresenta comportamentos negativos direcionados a um alvo específico e compreende que seus comportamentos são indesejados pelos mesmos) e o desequilíbrio de poder psicológico ou força na relação dos pares.

Em relação às expressões desse tipo de violência, verificam-se formas mais explícitas e físicas, (bater, empurrar, furtar ou destruir pertences), as expressões diretas e verbais (apelidar, humilhar, ofender, ameaçar) e outras mediadas por terceiros e mais dissolvidas no cotidiano escolar, que são os eventos indiretos ou relacionais (criar rumores, excluir isolar pessoas do grupo e de atividades) (FANTE, 2015; RISTUM, 2010; OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSKI, 2013).

Diante desta taxonomia, é possível observar a existência de quatro papéis sociais dos envolvidos neste fenômeno (OLWEUS, 2013; RISTUM, 2010; SILVA *et al.*, 2018): há a presença das vítimas, que são as pessoas que são alvos de *bullying*; dos agressores, que praticam atos de violência direta ou indireta, verbal ou física; dos alvos/autores, que são aqueles que assumem os papéis de ora vítima, ora autores, dependendo da situação em que estão inseridos; E, por último, das testemunhas, que presenciaram e/ou acabam por reforçar os atos agressivos.

No *bullying* escolar as crianças e adolescentes são inseridos num ciclo devastador que prejudica seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e relacional (OLWEUS, 2013; SAMPAIO *et al.*, 2015; OLIVEIRA *et al.*, 2016) – o que o torna, portanto, uma temática relevante para os estudos e práticas nos campos da educação, da psicologia, da sociologia, da antropologia, entre outros. A prática de *bullying* costuma interferir nos processos de ensino-aprendizagem e na saúde dos escolares – podendo ser associada à ideação suicida, ansiedade, insônia, solidão, violência doméstica, evasão escolar, uso de álcool e drogas. Além disso, a exposição dos alunos a espaços de violência escolar contribui para a ampliação de novas situações de vulnerabilidade (MELLO *et al.*, 2017; ALCKMIN-CARVALHO; RAFIHI-FERREIRA; MELO, 2017; MOTA *et al.*, 2018; ZEQUINÃO *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2019)

Investigações sobre *bullying* escolar estão direcionadas, maioritariamente, à população adolescente (SAMPAIO *et al.*, 2015; ALCKMIN-CARVALHO; RAFIHI-FERREIRA; MELO, 2017; OLIVEIRA *et al.*, 2016; COELHO, 2016) por ser a fase do desenvolvimento em que o fenômeno ocorre com maior incidência, cuja prática acontece contra os alunos mais novos, quando os agressores, em geral, são os estudantes mais velhos, adolescentes, com idades médias entre 13 e 17 anos. É neste sentido que a literatura relaciona essa dinâmica de violência às transições das etapas de ensino nas escolas brasileiras e às transformações sociais, psicológicas e orgânicas na fase da adolescência (SILVA *et al.*, 2018).

É possível observar, no entanto, comportamentos agressivos entre crianças com a intenção de humilhar ou machucar o par e apresentando-se de maneira repetida no cotidiano escolar, sem saídas do ciclo de agressão – possivelmente por influência de fatores ambientais, associados a quadros de vulnerabilidade emocional, social e física das crianças, ou até em razão de relacionamentos violentos ou coercitivos vivenciados com adultos (COSTA *et al.*, 2015; SANTOS *et al.*, 2019), o que permite que essas práticas sejam confundidas com comportamentos agressivos associados ao processo de desenvolvimento moral, ou “normal”, das crianças, como também são justificadas como brincadeiras pelos pais e professores.

Até onde é possível identificar, existem poucos estudos atuais no Brasil (por exemplo, MONTEIRO *et al.*, 2017; ZEQUINÃO *et al.*, 2016, 2017; MARTINS; FAUST, 2018) que tenham tomado como objeto de análise o fenômeno do *bullying* na infância – também não foram encontrados relatos de pesquisas no Brasil utilizando o desenho como estratégia para a produção de dados sobre *bullying* nos últimos cinco anos (como é o caso deste estudo). Diante desta evidência, questionamo-nos: Seria possível verificar se há indícios no cotidiano escolar de situações de *bullying* em crianças que cursam os anos iniciais do Ensino Fundamental (1<sup>o</sup>)? Como estas crianças vivenciam o *bullying* escolar? Por fim, o que elas compreendem sobre esse tipo de violência? A partir desses questionamentos foram construídos os caminhos investigativos desta pesquisa.

Perante estas indagações, este estudo buscou investigar como o *bullying* escolar aparece no cotidiano de crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental (com idades entre 6 e 7 anos) – os dados foram produzidos a partir de narrativas que geraram desenhos representativos de cenas do cotidiano escolar dessas crianças – bem como permitiu compreender as experiências de *bullying* vivenciadas na infância e, consecutivamente, perceber-se qual a compreensão das crianças sobre este tipo de violência.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter exploratório realizado com uma amostra de conveniência composta por dez crianças (idades variada entre 6 a 7 anos), 70% do sexo feminino e 30% do sexo masculino, de nove escolas particulares do Estado de Pernambuco-Brasil. Todo o procedimento de coleta de dados teve início após a obtenção do parecer consubstanciado favorável por parte do Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE: 30440320.5.0000.5208). Os encontros com as crianças foram feitos mediante videochamadas na plataforma *Google Meet*, no período de julho-agosto de

2020. Os participantes eram estudantes regulares de diferentes escolas do Estado de Pernambuco e suas participações foram possibilitadas a partir de uma rede de indicações, estabelecida por meio de divulgações em redes sociais (*WhatsApp* e *Instagram*). Com o consentimento e sob a supervisão dos pais, foi realizada uma videochamada com cada criança – esses encontros tiveram duração variando entre 30 e 40 minutos.

Os pais eram previamente instruídos a preparar o ambiente da pesquisa. Foi solicitado que eles reservassem, em suas casas, um local livre de interrupções e ruídos, onde houvesse uma mesa disposta com papéis e um lápis grafite (para a realização dos desenhos) e na qual as crianças pudessem utilizar um computador (notebook ou desktop) para melhor visualização da história que lhes seria contada. Aos pais também foi solicitado para tirar fotografias dos desenhos e enviar à investigadora.

Os encontros *on-line* foram marcados em razão da disponibilidade de coincidência dos horários das crianças, seus familiares e a pesquisadora. No início de cada encontro, depois das apresentações, os participantes foram convidados a falar e a realizar desenhos sobre o cotidiano escolar a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado, desenvolvido especificamente para a presente investigação (exemplo de pergunta: “*Você poderia desenhar o que gosta e o que não gosta nos seus amigos da escola?*”). Em seguida foi contada uma história cujo personagem sofria *bullying* escolar<sup>4</sup> – o texto era ilustrado e essas ilustrações eram apresentadas às crianças, no intuito de favorecer suas construções de sentidos sobre o tema. Depois de ouvir a história ilustrada, cada criança foi convidada a fazer um outro desenho, representativo de uma situação de *bullying* que tenha vivenciado ou testemunhado (caso não tivesse vivenciado ou testemunhado uma situação de *bullying*, não precisaria desenhar) e foram convidadas a dizer algo a *Jonas*, sugerindo mudanças na história.

Para o tratamento de dados, nomes fictícios foram atribuídos aos participantes garantindo o anonimato dos mesmos. A técnica da análise temática dos conteúdos (BLANCHET; GOTMAN, 1992) foi usada nas transcrições das narrativas das crianças sobre os desenhos (análise imagética-discursiva). A partir dos dados obtidos, foi criado um conjunto de categorias, como “repetição”, “intencionalidade”, «desequilíbrio de poder”, e outras, permitindo a identificação de situações de *bullying*, suas expressões e especificidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise imagética-discursiva, em termos da relação entre desenho e suas narrativas, foi possível observar no relato dos todos os dez participantes de 6 e 7 anos, indícios de situações de *bullying*– retratando, especialmente, vítimas e testemunhas, e englobando as três principais características deste tipo de violência: a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder entre os pares.

<sup>4</sup> O texto desta história é de autoria da pesquisadora responsável e foi criado especificamente para este estudo. O texto conta a história de um menino chamado “Jonas” que é humilhado, apelidado e julgado por pessoas sem nome, e que acaba triste e solitário no final. O texto em diversos momentos convida o leitor, por meio de perguntas, a interagir com o personagem e sua vivência.

Em relação ao aspecto da intencionalidade, as crianças apresentaram compreensão do *bullying* ao descreverem atos agressivos (direcionados a elas, a um grupo no qual estão inclusas ou a outro colega) em cenas do cotidiano escolar, como em: “*Porque eles não brincam comigo, porque eles não são meus amigos, porque eles não gostam de mim* (Chloe, 6 anos) (grifos dos autores)” e “*Quer dizer, eles são amigos, só que eles não tratavam ela bem, como uma amiga* (Vanessa, 6 anos) (grifos dos autores)”.

Esses achados mostram que as crianças investigadas estão sendo expostas pelos pares a situações de violência, nas quais as intenções dos agressores são perceptíveis por afetação, quando a criança que é vítima faz referência ao seu eu, dizendo, por exemplo: “*não gostam de mim*” ou por observação de outros colegas, em “*não tratavam ela bem*”. Ao se discutir o problema da intencionalidade (OLWEUS, 2013), surge a pergunta: Como sabemos que o agressor tem realmente a intenção de machucar? A solução é olhar para o contexto – quando podemos assumir que os autores têm consciência de que seus comportamentos geram estresse ou machucam e que não são desejados pelos alvos – associado à avaliação das próprias vítimas sobre as situações e as motivações dos agressores.

Deve-se observar se há repetição, uma vez que é necessário identificar mais de um evento para se estabelecer uma situação de *bullying* escolar. Os dados da frequência dos eventos emergiram nos relatos da seguinte maneira: “*(Acontece) De vez em quando assim, não é tantas vezes não* (Nicolas, 6 anos)”, “*Foi várias vezes* (Chloe, 6 anos)” e “*Mas às vezes acontece, às vezes acontece. (...) Mas toda hora não, todo tempo não, todo dia, feito toda hora* (Vanessa, 6 anos)”. É importante ressaltar que para caracterizar uma situação como *bullying* escolar é preciso identificar mais de um evento de violência, e os relatos dessas crianças sinalizam esta repetição.

Vale destacar, ainda, que os relatos dessas crianças faziam referência ao cotidiano escolar vivenciado por elas antes da instauração da pandemia da Covid-19, o que aponta para as marcas em longo prazo desse tipo de violência – essas crianças conseguiram recordar não só da vivência escolar, mas também quantificar as ocasiões em que vivenciaram possíveis situações de *bullying*.

Não há consenso na literatura sobre o número de eventos necessários para estabelecer uma situação de *bullying* (OLWEUS, 2013). Em um estudo quantitativo, tendo como sujeitos 678 estudantes com idade entre 10 e 19 anos (MARCOLINO *et al.*, 2018), verificou-se a prevalência de vitimização de *bullying* entre 29,5% dessa população; considerou-se como repetição a ocorrência de agressões direcionadas ao mesmo aluno por mais de quatro vezes (ou eventos) nos últimos seis meses. Apesar de as crianças não conseguirem precisar o número de eventos no nosso estudo, as marcas da frequência dos atos de violência emergiram nos seus relatos, convidando-nos a considerar outras expressões sobre o aspecto da repetição deste fenômeno.

Os achados referentes à categoria do desequilíbrio de poder entre os pares nas narrativas dos participantes podem ser encontrados quando falavam da sua incapacidade de se defender, tais como: “*Eu não faço nada* (Francis, 6 anos)” e “*Ela não faz nada, ela não faz nada. (...) Ela é quieta* (Quinn, 6 anos)”; e a solicitação de outras

figuras para intervir no ciclo de violência, como pais e professores, apresentadas em: “(Sobre se os colegas continuam apresentando os mesmos comportamentos quando relata a professora) No outro dia sim (Marinete, 7 anos)”.

Estes dados ilustram que o desequilíbrio de poder nestas crianças não está apenas relacionado às diferenças na força física; talvez nestas idades, 6 e 7 anos, seja mais frequente a incapacidade de confrontar diretamente os agressores devido à baixa autoestima ou ao desenvolvimento em curso de recursos psicológicos para se defender, recorrendo, então, a outras pessoas como os pais e professores.

Destacando-se que, mesmo com a intervenção de terceiros, pais e professores, reclamando e castigando os autores, uma vez que as crianças não conseguiam confrontar o agressor ou não tinham sucesso, as situações de *bullying* continuaram acontecendo, fazendo nos questionar sobre a atuação dos pais e da escola na intervenção de situação de violência escolar. O fato de as crianças não conseguirem confrontar o agressor pode ser o indício que reforça a compreensão equivocada de que crianças não sofrem e/ou praticam *bullying*, e que comportamentos agressivos nesta faixa etária são “normais” ou são “brincadeiras”. Ao analisar a percepção dos professores sobre o *bullying* escolar (SILVA *et al.*, 2013), foram observados posicionamentos sem criticidade em relação ao fenômeno, o que favorece a banalização de situações de violência e até culpabiliza as vítimas, sugerindo a necessidade da criação de políticas de enfrentamento ao *bullying* e de conscientização, específicas para a instrumentalização dos professores, que deveriam ser os mediadores dessas situações no contexto escolar.

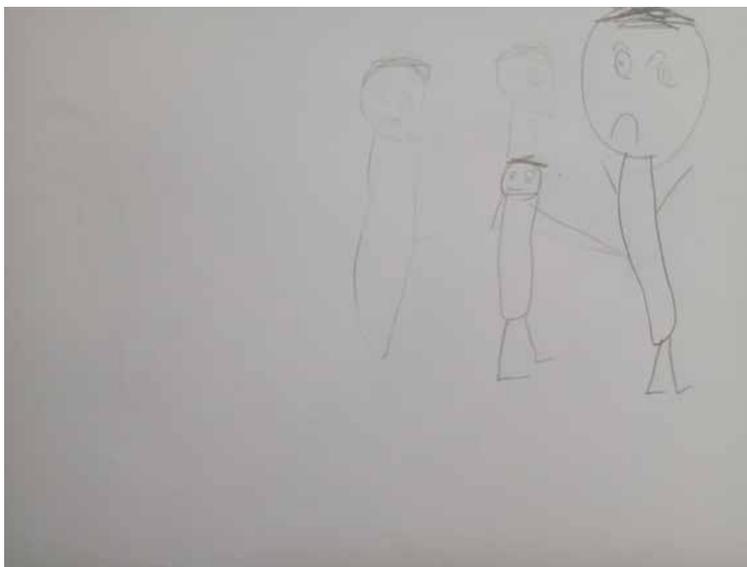
Em nosso estudo chamou-nos a atenção a fala de Maurício (6 anos), como sendo o relato de uma situação clássica de desequilíbrio de poder psicológico, o que reforçou nossa hipótese de que esta criança se encontrava em uma situação de *bullying*. Neste caso, a criança agressora detinha um poder manipulativo sobre a vítima, que não reconhecia saídas da situação de violência, cedendo ao desejo do agressor – quando interrogado pela facilitadora, na ocasião da pesquisa, sobre se ele dizia que não gostava do que os colegas faziam ou se ele dizia que não queria brincar com os colegas agressores, Maurício respondeu: “Eu brinco com eles, porque eu não deixo ele (o agressor) triste, se não ele fala para tia, eu não gosto de deixar ele triste”.

Além desses marcadores específicos de intencionalidade, repetição e desequilíbrio de poder entre os pares, apresentados anteriormente, verificamos que as dez crianças participantes deste estudo já se encontraram ou já testemunharam uma situação de *bullying* no cotidiano escolar. Nas narrativas de seis delas foram verificados comportamentos típicos do *bullying* direto ou verbal, cinco crianças relataram *bullying* indireto ou relacional e duas crianças o *bullying* físico. A partir dos dados derivados das entrevistas e dos critérios utilizados para identificação deste tipo de violência (OLWEUS, 2013), apenas uma criança foi identificada como vítima das três expressões de *bullying* escolar.

Nos relatos das crianças, as situações de agressão física apareceram como bater, beliscar e puxar cabelo. No caso de Nicolas (6 anos), a agressão física foi assim descrita: “Eu não gosto que Luiz fique **batendo na minha bunda** porque eu fico muito

irritado (grifo dos autores)”. Nesta fala podemos reconhecer marcadores de frequência, intencionalidade e a incapacidade de se defender, além do desconforto que a ação gera em Nicolas – sua irritação está apresentada na Figura 1.

Figura 1 – Exemplo de *bullying* físico

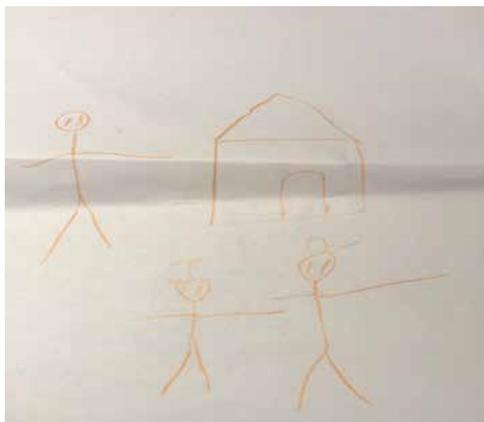


Legenda: Este exemplo pode ser encontrado no relato e desenho de Nicolas (6 anos): “Ele bateu na minha bunda e ele (fica) achando graça. (...) Esse daqui sou eu quando tô bravo (pessoa maior) e essa aqui é Luiz (pessoa menor)”.

A ocorrência do *bullying* relacional aparece como o mais “dissolvido” no cotidiano escolar, porém é um dos mais agressivos, que acontece na exclusão sutil ou direta de uma brincadeira que extrapola para várias brincadeiras, como nos exemplos a seguir: “Eu fico triste, porque eles não brincam comigo, porque eles não são meu amigo (sic), porque eles não gostam de mim, eu sempre tento brincar (Chloe, 6 anos)”, “Só que eu sei de uma coisa, que é assim que eles querem, que eu fique, brava, tensa ou assustada. (...) E às vezes eles ficam fazendo fofoquinha (Vanessa, 6 anos)” e “De vez em quando, ele pede para eu sair da brincadeira (Angélica, 6 anos)”, podendo ser observado no desenho da Figura 2.

O estudo de Vaillancourt *et al.* (2003) discute a complexidade dos comportamentos agressivos, e abandona a ideia de que as crianças apresentam mais comportamentos agressivos físicos diante do grau de maturação social e depois utilizam recursos mais sutis. Os autores propõem que, apesar de o *bullying* indireto ser uma forma de agressão mais sofisticada, esperada nos adolescente, como a exclusão, isolamento social e fofoca, é possível também observar em crianças a partir de 4 anos, e, além disso, com algumas até apresentando padrões comportamentais agressivos indiretos ao longo de todo o seu desenvolvimento. Isto aponta a necessidade de revisitar as capacidades das crianças contemporâneas, que estão sendo expostas, cada vez mais cedo, a novas demandas sociais e comportamentais, neste caso apresentando comportamentos cada vez mais complexos de violência entre pares.

Figura 2 – Situação de exclusão social

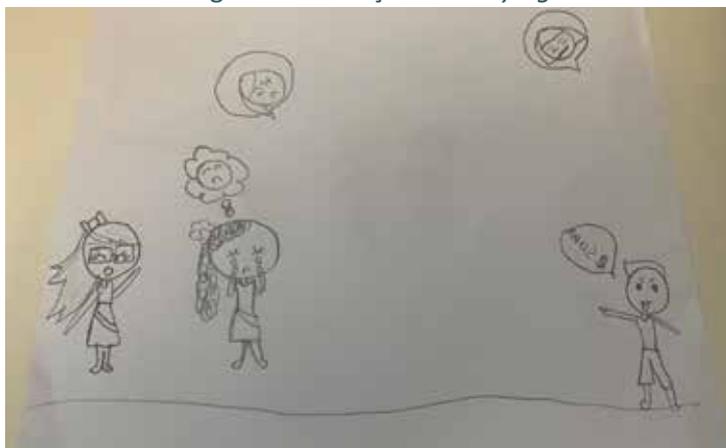


Legenda: “Ele não gosta que eu brinque com Antônio, mas eu brinco mesmo assim. Eu vou fazer Jeferson (representado com a letra J) brincando com Antônio (representado com a letra A)”. Relato de Maurício (6 anos).

O *bullying* direto ou verbal apareceu em termos como “chata(o)”, “gorda(o)” e “feia(o)”, e até em trocadilhos, como ao se referir ao nome “Sopia” (Sofia + pia), como pode ser visto na Figura 3. Na narrativa de Marinete (7 anos) aparece a ação grupal deste tipo de *bullying*: “Porque eles têm um grupinho e o grupinho deles é de luta e eles só gosta de quem é do grupinho deles, só que tem um que não me chama de chata”.

As formas de violência verbal e relacional foram as descritas como sendo aquelas presentes nas piores experiências escolares, nutrindo efeitos em longo prazo – o que foi constatado em um estudo que acessou 691 participantes, com idades entre 17 e 61 anos (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018). Em nosso estudo com crianças pequenas, observamos sinais que apontam para esses efeitos em longo prazo, posto que a pesquisa acessou memórias das crianças de mais de 6 meses anteriores às entrevistas, pois se referiram a situações escolares vividas antes da pandemia do coronavírus. Quinn (6 anos), por exemplo, enfatiza que sua colega ouvia apelidos, mas afirma que não se recordava que apelido era esse; lembrava somente que era “*algo ruim*” – reforçando as marcas desse tipo de violência nas testemunhas de uma situação de *bullying*.

Figura 3 – Situação de *bullying*



Legenda: O desenho de Vanessa (6 anos) retrata sua colega sendo chamada de “Sopia” no centro, triste; Vanessa atrás dela tentando ajudá-la e o agressor lhe apelidando. A face na parte superior esquerda do desenho é sua professora, brava com a situação, e no canto superior direito um colega da turma de testemunha, indiferente. O desenho de Vanessa toca com nitidez nas emoções que organizam uma situação de *bullying*.

Acerca dos locais em que acontecem as situações relatadas, a sala de aula apareceu com mais frequência nas narrativas das crianças, depois vieram o pátio ou o parquinho – Vanessa (6 anos) declarou que *“às vezes era no parquinho, às vezes era na sala, essa briguinha”* –, confirmando achados atuais da literatura sobre a incidência de *bullying* em sala de aula, muitas vezes sob a vista dos professores (ZEQUINÃO *et al.*, 2016).

Na segunda etapa da coleta de dados desta pesquisa, as crianças, depois de ouvirem a história de “Jonas”, foram convidadas a lhe dizer algo e instigadas a refletir sobre suas experiências e sobre o *bullying* escolar, sendo capazes de elaborar construções de sentidos sobre os acontecimentos vividos pelo personagem.

As repercussões da história foram positivas. Todas as dez crianças apresentaram formulações que indicaram a compreensão da história, entendendo que estávamos discutindo sobre uma situação em que se “machucava” ou “magoava” os colegas, e que isso não era correto. Esse dado aponta para o potencial das crianças de 6 e 7 anos de compreender situações complexas de violência, quando estas situações lhes são apresentadas num contexto e numa linguagem adequada (BOSACKI; MARINE; DANE, 2006).

Quando foi solicitado que desenhassem uma situação de *bullying* que tinham vivenciado ou testemunhado (a partir da história e da discussão com a facilitadora), cinco das dez crianças conseguiram reconhecer que haviam testemunhado um colega sofrer *bullying* ou que haviam sofrido uma situação de *bullying*. Sobre ter sofrido *bullying*, Marlene (7 anos) expôs: *“Eu acho que sim (...) porque eles sempre falam disso e eles falam sempre grossamente”*. Ao ser questionada se era *bullying* quando os meninos chamavam Sofia de “Sopia”, Vanessa (6 anos) afirmou: *“Era. Não era coisa boa. Se ela disse ‘ah gostei desse apelido’, ela gostaria né? Mas ela saiu chorando, eu fui para lá, para onde ela foi e disse ‘Não acredita neles’, e quando isso acontece comigo, ela faz a mesma coisa ‘Não fica assim Vanessa, não fica assim’”*.

Esses relatos são representativos da capacidade reflexiva das crianças quando instigadas por um evento mobilizador (que, neste caso, foi a contação da história e os desenhos), e sugerem que o método de pesquisa aqui utilizado tem potencial de se estabelecer também como um método interventivo – afinal já se sabe que a contação de histórias permite acessar e explorar pensamentos e sentimentos, como também afastar da realidade, de uma possível situação de violência, para a expressão de sentimentos e pensamentos de forma indireta por meio de um personagem fictício (WHITE; FOODY; NORMAN, 2019).

Por meio dos métodos de criação de dados aqui utilizados, foi possível tanto demonstrar a percepção das crianças sobre seu cotidiano escolar quanto fazê-las exercerem a capacidade de ser colocar nos lugares das vítimas e reconhecerem emoções, como raiva e tristeza nas vítimas, e alegria ou apatia nos agressores ao praticarem o *bullying*.

Figura 4 – Situação de *bullying*



Legenda: “Esse daqui é Luiz pegando as peças (pessoa em pé) e esse aqui sou eu com raiva (pessoa sentada)”. Descrição do desenho de Nicolas (6 anos) sobre uma situação de *bullying* que viveu.

O estudo buscou analisar o *bullying* no cotidiano escolar de crianças de 6 e 7 anos de escolas particulares, e os dados mostraram que os dez participantes estavam inseridos em situações de *bullying*, tendo sido possível observar todas as características deste fenômeno e expressões no cotidiano dessas crianças, reforçando a implicação deste estudo para as escolas e profissionais de educação, o que possibilita um novo olhar sobre a infância e as expressões de violência.

Reconhecendo as limitações do estudo, apontamos a importância de mais pesquisas com esta metodologia, que incluiu a produção de narrativa sobre o cotidiano escolar, com cenas materializadas em desenhos. Estudos futuros, com uma população maior, podem considerar comparações entre sexos, tipos de escola e até envolver crianças ainda menores. Também estudos transversais podem avaliar os efeitos do *bullying* no desenvolvimento das crianças. Por fim, recomendam-se estudos interventivos nesta faixa etária, posto que a hipótese de *bullying* na infância foi confirmada. Recomenda-se, ainda, estudos interventivos nesta faixa etária, com metodologias lúdicas e adequadas às idades (dramatização, contação de histórias, produções artísticas, gamificação, e outros).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa revelaram situações de violência escolar entre crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental que podem ser enquadradas como sendo situações de *bullying* escolar. As narrativas dos participantes, refletidas nos seus desenhos, apresentaram expressões de *bullying* físico, verbal e indireto, em diversos espaços da escola, especialmente na sala de aula. As crianças têm sido afetadas por essas situações agressivas, e, em suas narrativas, é possível observar o impacto destes comportamentos indesejados dos pares no seu bem-estar. É impossível falar de ambientes escolares saudáveis e propícios ao desenvolvimento integral constatando os sofrimentos nas relações entre pares de crianças com idade entre 6 e 7 anos relatadas neste estudo. Os achados sugerem, portanto, a necessidade de intervenções no universo infantil, não só de caráter preventivo para a violência escolar, mas, interventivo, uma vez que temos indícios consistentes de *bullying* escolar entre crianças.

Os dados também mostraram que essas crianças já possuem recursos cognitivos para compreender fenômenos complexos como a violência e o *bullying* escolar, bem como já apresentam a capacidade de refletir sobre seu cotidiano diante dos sentidos construídos na intervenção (que possibilitou a algumas se reconhecerem em situações de *bullying*). Isso reforça a ideia de que podemos realizar intervenções voltadas à prevenção da violência escolar nesta faixa etária. O uso de narrativas associadas a produções de desenhos e a intervenção por contação de histórias, permitiram comentários espontâneos sobre as experiências escolares, viabilizando novas ferramentas investigativas para acessar situações de *bullying*.

Por ser um fenômeno multifacetado e multifatorial, intervenções a partir de diversas dimensões e abordagens possuem maior potencial de abrangência e de eficácia no enfrentamento ao *bullying* escolar (SILVA *et al.*, 2018). Assim, esta metodologia serviu como ferramenta adequada e promissora para nos informar das experiências de *bullying* infantil. Faz-se necessário, ainda, superar os aspectos pedagógicos da violência escolar, criando intervenções que levem em consideração o desenvolvimento infantil, a ludicidade, a linguagem dos participantes e o cenário atual dos usos das tecnologias.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. A. “Minha pior experiência escolar”: caracterização retrospectiva da vitimização de estudantes. *Estud. Psicol.*, Natal, v. 23, n. 2, p. 133-144, 2018.
- ALCKMIN-CARVALHO, F.; RAFIHI-FERREIRA, R. E.; MELO, M. H. S. Bullying and behavior problems reported by victims and teachers: Brazilian findings. *Psico*, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 31-39, 2017.
- BLANCHET, A.; GOTMAN, A. A enquete e seus métodos: a entrevista. Paris: Editions Nathan, 1992.
- BOSACKI, S.; MARINI, Z.; DANE, A. Voices from the classroom: pictorial and narrative representations of children’s bullying experiences. *Journal of Moral Education*, v. 35, n. 2, p. 231-245, 2006.
- COELHO, M. T. B. F. Bullying escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. *Rev. Psicopedag.*, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 319-330, 2016.
- COSTA, M. R. *et al.* Bullying among adolescents in a Brazilian urban center– “Health in Beagá” Study. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 49, n. 56, 2015.
- FANTE, Cléo. Bullying no ambiente escolar. In: FANTE, C.; PRUDENTE, Neemias Moretti (org.). *Bullying em Debate*, São Paulo: Paulinas, 2015. p. 79-108.
- MARCOLINO, E. C. *et al.* Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto – Enferm.*, Florianópolis, v. 27, n. 1, 2018.
- MARTINS, F. S.; FAUST, G. I. Prevenção ao bullying: intervenção baseada na abordagem cognitivo-comportamental. *Rev. Bras. ter. Cogn.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 113-120, 2018.
- MELLO, F. C. M. *et al.* A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2.939-2.948, 2017.
- MONTEIRO, R. P. *et al.* Valores humanos e bullying: idade e sexo moderam essa relação? *Temas Psicol.*, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 1.317-1.328, 2017.
- MOTA, R. S. *et al.* Adolescentes escolares: associação entre vivência de bullying e consumo de álcool/drogas. *Texto Contexto – Enferm.*, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2018.
- OLIVEIRA, W. A. *et al.* Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors’ perspective. *J. Pediatr.*, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2013.
- OLWEUS, D. School bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, v. 9, p. 751-780, 2013.

- RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Editora Fiocruz, 2010. p. 95-119.
- SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto Contexto – Enferm.*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015.
- SANTOS, M. J. et al. Prevalência de violência sexual e fatores associados entre estudantes do Ensino Fundamental – Brasil, 2015. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 535-544, 2019.
- SILVA, B. R. V. S. et al. Autopercepção negativa de saúde associada à violência escolar em adolescentes. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2.909-2.916, 2018.
- SILVA, J. L. et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, 2013.
- SOUZA, Sidclay Bezerra; VEIGA SIMÃO, Ana Margarida; CAETANO, Ana Paula. Cyberbullying: perceptions about the phenomenon and coping strategies. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014.
- VAILLANCOURT, T. et al. A longitudinal confirmatory factor analysis of indirect and physical aggression: evidence of two factors over time? *Child Dev*, v. 74, n. 6, p. 1.628-1.638, 2003.
- WHITE, I.; FOODY, M.; NORMAN, J. O. Storytelling as a Liminal Space: Using a Narrative Based Participatory Approach to Tackle Cyberbullying Among Adolescents. In: VANDEBOSCH, H.; GREEN, L. *Narrative approaches in research and interventions addressing cyberbullying*. Suíça: Springer, 2019. p. 133-146.
- ZEQUINÃO, M. A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.
- ZEQUINÃO, M. A. et al. Desempenho escolar e bullying em estudantes em situação de vulnerabilidade social. *J. Hum. Growth Dev.*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 19-27, 2017.